A história de Arapongas (décadas de 1930 e 1940) em textos e imagens[1]

Larissa Ayumi SATO[2]
Paulo César BONI[3]
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

Este trabalho resgata parte da história da cidade de Arapongas, no norte do Paraná, nas décadas de 1930 e 1940, por meio de textos e imagens. Para tanto, utiliza a leitura, interpretação e análise dos elementos da fotografia – como fonte – e a história oral – como complemento – como procedimentos metodológicos para resgatar aspectos do povoamento e da vida cotidiana no passado. Espera-se contribuir para a valorização da fotografia enquanto fonte de pesquisa e somar conhecimentos aos já existentes sobre a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: História de Arapongas; história oral; fotografia; documento iconográfico.

1 Arapongas – primeiros passos

A 386 quilômetros de Curitiba, capital do Estado do Paraná, na região conhecida como Norte Novo, delimitada pelos rios Tibagi e Ivaí, até as margens do Paranapanema e do Ribeirão Caiuá, encontra-se uma cidade de 381 quilômetros quadrados chamada Arapongas, importante pólo moveleiro do sul do Brasil.

A cidade foi criada e idealizada por Willie da Fonseca Brabazon Davids, Diretor Técnico da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). As ruas, que hoje têm nomes de pássaros e fazem com que Arapongas seja conhecida como "cidade dos pássaros", foram originalmente pensadas pelo engenheiro da Companhia, o russo Alexandre Rasgulaeff.

O ano de fundação oficial de Arapongas, de acordo com o livro *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*, é 1935. Mesmo assim, já em 1928, há notícias de que o pioneiro Clemente Soares esteve na região. Em 16 de abril de 1935, o comerciante francês Eugênio René Cellot comprou os primeiros lotes urbanos da cidade. Junto com sua filha Jeanine Cellot, abriu uma casa comercial, dia 28 de setembro de 1935, no local em que hoje é a esquina da rua Andorinhas com avenida

[1] Trabalho apresentado no GT – Audiovisual, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2] Mestranda em Comunicação da UEL, email: lari_sato@yahoo.com.br.
[3] Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação da UEL, email: pcboni@sercomtel.com.br.

Arapongas – a principal da cidade. O comércio de Cellot funcionava como varejo, ponto de ônibus e agência postal.

O primeiro a comprar um lote rural foi o agricultor brasileiro Floriano Freire. Por volta de 1937, foi criada a Gleba Orle – que abrigava imigrantes eslavos. A Colônia Esperança, de imigrantes japoneses, já recebia colonos desde 1935.

Os anos iniciais do povoamento de Arapongas são o foco da pesquisa realizada para este artigo. O trabalho é um subprojeto do projeto de pesquisa *A história de Londrina (década de 40) em textos e imagens*, do Prof. Dr. Paulo Boni.

Arapongas é fruto da iniciativa da Companhia de Terras Norte do Paraná de colonizar toda a região com a venda de pequenos lotes rurais e urbanos a imigrantes e pessoas vindas de outras regiões do Brasil. O projeto de colonização previa que

> "As cidades destinadas a se tornarem núcleos econômicos de maior importância seriam demarcadas de cem em cem quilômetros, aproximadamente. Entre estas, distanciados de 10 a 15 quilômetros um do outro, seriam fundados os patrimônios, centros comerciais e abastecedores intermediários." (CMNP, p. 77)

As grandes cidades eram Londrina, Maringá, Cianorte, e Umuarama. De acordo com o depoimento de Hermann Moraes Barros na mesma obra, alguns patrimônios se desenvolveram e se transformaram também em grandes cidades. Arapongas é uma das que "nasceram e cresceram praticamente por si, pois a Companhia se limitou a planejá-las e a construir um escritório, uma estação de jardineiras e uma escola. Apenas exigia, em contrato, que os compradores de datas urbanas construíssem dentro do prazo máximo de um ano". (p.125)

O nome do município se deve a Elizabeth Thomas, Arthur Thomas e Erwin Fröhlich que, ao observarem uma ave nativa com canto de som metálico e estridente (a araponga - *Chasmarhy nudicollins* - , também conhecida como ferreiro, ferrador e guiraponga), que existia em grande número na região, decidiram atribuir seu nome ao povoado.

O município fez parte de Londrina até 1943, quando foi criado o município de Rolândia. Pela Lei nº199 de 30 de dezembro de 1943, a cidade dos pássaros tornou-se distrito judiciário.

A pouca quantidade de transportes fazia com que o ritmo de crescimento da cidade fosse vagaroso - situação que piorou na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Até 1945, de acordo com a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Arapongas tinha uma sede distrital com cerca de 600 casas.

Algum tempo depois, um grupo de pessoas da sociedade fundou, em 13 de maio de 1947, a Sociedade dos Amigos de Arapongas, que, dentre outros objetivos, pressionava o governo do Paraná pela criação do município. A emancipação da cidade veio com a Lei nº. 2 de 10 de outubro de 1947. Na época, Arapongas era composta dos distritos administrativos da sede municipal, e de Astorga e Sabáudia, que hoje são municípios vizinhos.

Logo após a emancipação, José Simonetti foi empossado prefeito interino de Arapongas. O primeiro prefeito eleito, Júlio Junqueira, assumiu no dia 9 de novembro de 1947, eleito por uma coligação de oposição.

2 A busca pela história não revelada

Como saber quais eram os aspectos da cidade quando não existiam os prédios, asfalto, escolas, igrejas, água encanada, automóveis e 95.859 habitantes? Histórias de quem viveu naquela época podem levar as pessoas a imaginar como devem ter sido os anos 1930, mas não vão mostrar a elas a dinâmica real da cidade há mais de 60 anos atrás. É aí que as fotografias ganham *status* de documento e fonte de pesquisa para recontar o passado, descobrir como era a vida nesta época, ver como as pessoas se vestiam, pensavam e agiam.

Imagens não podem ser usadas sem critérios. Quem estiver trabalhando com elas precisa estar atento para não se deixar levar, e conseguir confirmar as informações que a fotografia proporciona. Nesse sentido, Paiva (2004), afirma que a iconografia traz embutidas as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, mas que constitui um acervo de possibilidades e por isso tem que ser explorada com muito cuidado.

> A imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou explícita dela. Há, como já disse antes, lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. (PAIVA, 2004, p.19).

Este trabalho também utiliza a história oral como técnica para resgatar e organizar as memórias do início de Arapongas e de sua organização como cidade. Este procedimento baseia-se no cruzamento dos depoimentos com outras fontes de pesquisa e outras informações veiculadas em outras publicações, de acordo com Meihy (2002). Os estudos feitos por Thompson (1998) mostram que a história oral pode não somente mudar o enfoque de uma pesquisa, como abrir novas formas de investigação do objeto.

Thompson (1998) defende ainda que a história oral é uma técnica que permite um alcance muito maior do que as fontes que já existem, dada a possibilidade de se obter documentos e fotografias que não seriam encontrados de outra maneira. E Meihy (2002) mostra que mesmo que a história oral busque uma versão dos fatos, espera-se que a memória individual das pessoas seja uma verdade de quem esteve presente a um acontecimento.

Martine Joly, em seu *Introdução à análise da imagem*, defende que a prática da análise das imagens pode "[...] aumentar o prazer estético e comunicativo das obras, pois aguça o sentido da observação e o olhar, aumenta os conhecimentos, e desse modo, permite captar mais informações (no sentido amplo do termo) na recepção espontânea das obras" (2004, p. 47). A autora utiliza como uma das técnicas de trabalho, a interpretação pela presença/ausência de elementos, que ajuda a ter uma compreensão melhor sobre o que a mensagem apresenta concretamente.

A pesquisa sobre a história do município de Arapongas contada por imagens baseia-se nas idéias de diferentes autores. Boris Kossoy, na obra *Fotografia e história*, destaca o valor que a imagem fotográfica tem na reconstituição do passado. Segundo o autor,

> Toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual onde se pode detectar - tal como ocorre nos documentos escritos - não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que toca à imagem fotográfica, uma série de dados poderão ser reveladores, posto que jamais mencionados pela linguagem escrita da história. (1989, p. 101)

A importância da fotografia enquanto memória e fonte de pesquisa se observa quando Kossoy relata que

> Fotografia *é* memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem - escolhida e refletida - de uma ínfima porção do espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (1989, p. 101)

Outra autora utilizada como base para este estudo é Maria Eliza Linhares Borges, que também discute a relação entre História e Fotografia. A pesquisadora salienta que os historiadores têm buscado novos métodos de pesquisa, já que não só os documentos históricos oficiais devem ser considerados fontes. Maria Eliza Borges relata que

> A prática da pesquisa histórica vai além do estudo das ações dos homens pertencentes aos círculos do poder civil, religioso e militar. Engloba, também os testemunhos anônimos, deixados por todos aqueles que combatem, resistem, interagem e negociam, direta e indiretamente, com as diferentes esferas do poder. (2005, p. 78)

Além disso, a autora defende o uso da imagem na recuperação da memória social, quando cita que as imagens nos colocam em contato com os sistemas de significação da sociedade, suas formas de representação e seus imaginários. Ainda neste aspecto, Burke (2004) foi de grande utilidade, já que defende totalmente a idéia de imagens como evidência histórica, e dedica uma obra inteira a esta proposição.

3 As imagens da cidade

A primeira fotografia constante neste trabalho (figura 1) é como a "certidão de nascimento" de Arapongas. A imagem mostra o registro da primeira expedição vinda à cidade, em 1934. Pode-se notar a incidência abundante de araucárias - a árvore símbolo do estado do Paraná -, hoje em preocupante fase de extinção dado ao desmatamento para a construção de cidades e constituição de lavouras e à exploração comercial – e predatória – da madeira. Além dos pinheiros-do-Paraná, percebe-se que a mata atlântica ainda era predominante no cenário.

O meio de transporte que trazia alguns dos pioneiros na época era a jardineira, apelidada de "catita", uma espécie de ônibus que transportou pessoas durante vários anos na região. Também é interessante notar que não há mulheres na fotografia da expedição pioneira. De acordo com as relações de gênero e costumes da época, os homens vinham primeiro – em grupos – para avaliar e desbravar o local, e só depois traziam suas famílias.

A jardineira continuou a trazer pessoas e a levá-las a cidades da região, como Londrina. De acordo com o Sr. Antonio de Mattos[4] , que chegou a Arapongas em 11 de setembro de 1937, a jardineira era um veículo aberto. Quando chovia, "ela encavava no barro". Então, era necessário empurrar, mesmo que a viagem fosse até Londrina – que está a 37 quilômetros da cidade. Antonio de Mattos conta que nesses dias as pessoas chegavam sujas "que nem poceiros".

[4] Entrevista concedida à autora em 2 de fevereiro de 2007.

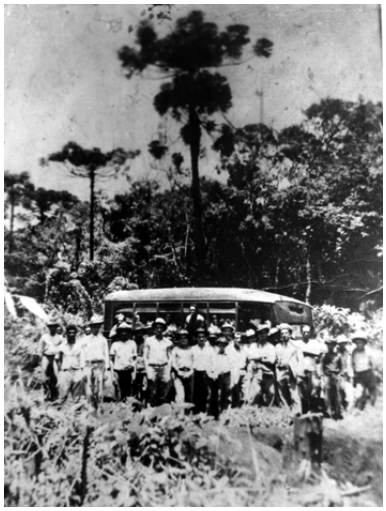

Figura 1 – Primeira expedição de interessados em comprar terras na região de Arapongas
Acervo: Maria Edna Grassano

Na fotografia a seguir (figura 2), pode-se ver que a principal avenida da cidade – hoje asfaltada e repleta de estabelecimentos comerciais e prédios residenciais, na década de 30, era uma estrada de terra, de chão batido, que formava poças de lama com as chuvas que caíam. Pode-se ver um carro, provavelmente um Ford, que trouxe muitas famílias para morar na cidade. Nota-se que não há, ainda, muitas casas no povoado. Detalhe interessante de notar é que as mulheres da década de 30 – todas, inclusive as meninas – usavam saias.

Figura 2 – Avenida Arapongas em seu início
Acervo: Maria Edna Grassano

À época de seu início como povoado, Arapongas contava com muitas pessoas que dependiam de suas propriedades rurais para sobreviver. Como exemplo, pode-se ver a família do pioneiro Mário Rodrigues, em uma imagem datada de 1936 (figura 3). Nesta época, Mário Rodrigues mandou fazer fotografias de sua família, já devidamente

instalada na cidade. Nesta imagem é possível observar a presença de animais domésticos, especialmente o cão, que representava um suporte de segurança para seus donos, e galinhas, fonte de carne e ovos para a alimentação. Também é possível observar, ao fundo, indícios de cultura de subsistência. Nesse momento, o pioneiro e sua esposa já contavam com quatro filhos, três meninas - que, como era costume, usavam saias, e um menino. Interessante notar também a quantidade de filhos do agricultor – quatro. O número de filhos por família vem diminuindo com o passar dos anos, mas naquela época era importante ter famílias grandes (já que a agricultura era familiar) para que todos ajudassem a cuidar da propriedade.

Figura 3 – O pioneiro Mário Rodrigues e família, em 1936
Acervo : Maria Edna Grassano

O Sr. José Chiappin e sua esposa também são pioneiros de Arapongas. Já na década de 1930, o casal já possuía uma propriedade rural (Figura 4) e criava gado. Os cavalos ajudavam a lidar com o rebanho, cuidando para que o gado não se perdesse enquanto pastava na propriedade, além de ser um importante meio de transporte, já que não era comum que as famílias possuíssem carros. A casa foi construída com madeira derrubada, a mata atlântica que quase não existem mais no Paraná. Nota-se a existência de uma clareira no local. Esta era uma prática comum: os pioneiros chegavam, derrubavam a mata, aproveitavam a madeira para construir casas, paióis, estábulos e chiqueiros, e plantavam no descampado. Como se pode ver, ao fundo da imagem, há uma construção edificada com esta madeira que existia na propriedade, além das cercas, também feitas de toras. Esta prática, ao longo das décadas e por todas as regiões, comprometeu perigosamente a Mata Atlântica do estado do Paraná.

Figura 4 – Propriedade rural do Sr. José Chiappin, na década de 30
Acervo: Maria Edna Grassano

As mulheres vinham depois, mas nem por isso trabalhavam menos. Solideia Bonadio Giocondo[5], que chegou em 1941 à cidade, conta que amontoava o café no terreiro, prendia bezerros, tirava leite de madrugada, laçava vacas. Para lavar roupas, a caminhada era de um quilômetro e meio até uma mina. Solideia Giocondo também foi parteira, já que sua mãe a ensinou a fazer de tudo, inclusive a ajudar crianças a virem ao mundo.

4 A busca terminou?

Esta pesquisa procurou realizar um levantamento bibliográfico e uma busca documental do material já existente sobre a história de Arapongas. Pela história oral, através das entrevistas com pioneiros da cidade, buscou-se dar voz para aquelas pessoas que não são ouvidas pela historigografia oficial – histórias comuns das pessoas que construíram a cidade, e que os livros ainda não trazem. Foi possível verificar que a história oral realmente pode abrir novas formas de investigação do objeto, de acordo com as idéias de Thompson (1998). Documentos e fotografias que contam a dinâmica de uma Arapongas em sua fase inicial foram resgatados, tudo por causa dos depoimentos de quem viveu aqui na época, dada a possibilidade de se obter documentos e fotografias que não seriam encontrados de outra maneira.

Com a recuperação e digitalização de fotografias inéditas, que ainda estavam em poder de particulares, tornou-se real a análise deste material imagético. Assim, procurou-se realizar uma interpretação dos mesmos – uma leitura mais complexa, sob uma ótica jornalística e também histórica.

[5] Entrevista concedida à autora em 24 de janeiro de 2007.

Com este trabalho, constatou-se que as fotografias são importante fonte documental de recuperação da história de Arapongas que não é possível reconstituir – a não ser que as imagens estejam presentes.

O complemento das entrevistas – com a história oral – foi fundamental para que se garimpassem histórias de vida e fotografias que a própria história oficial ainda não conhece. Em muitos casos, percebe-se a importância das imagens pessoais que são conservadas: as fotografias que ajudam a recontar trajetórias passadas. Segundo Kossoy,

> Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. O espaço urbano, os monumentos arquitetônicos, o vestuário, a pose e as aparências elaboradas dos personagens estão ali congelados na escala habitual do original fotográfico: informações multidisciplinares nele gravadas – já resgatadas pelas heurística e devidamente situadas pelo estudo técnico-iconográfico – apenas aguardam sua competente interpretação. (KOSSOY, 2001, p.101-102)

Sem o cuidado que merecem, muitas das fotografias que trazem informações importantes já se perderam – ou porque as pessoas não se importaram em guarda-las adequadamente, ou mesmo porque seus donos já não estão mais entre nós. Portanto, é fundamental que estas imagens sejam tratadas com o devido respeito, e conservadas em locais que forneçam os cuidados necessários para continuar contando um pouquinho sobre o nascimento da cidade dos pássaros.

REFERÊNCIAS

BONI, Paulo César. **Fincando estacas!** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens**.** Londrina: edição do autor, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem**.** Bauru: Edusc, 2004.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Depoimentos de seus diretores em setembro de 1975**. São Paulo - SP.

ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,1959.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios.** Maringá: Memória Brasileira, 1996.

_____. **Municípios paranaenses:** origens e significados de seus nomes. Curitiba: Secretaria do Estado de Cultura, 2006.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática,1989.

_____. _____. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

PAIVA, Eduardo França. **História e imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Naici Vasconcelos de. **Plantando chaminés - Projeto** histórico e biográfico do parque moveleiro de Arapongas. Arapongas: Ed. Aleluia, 1998.

_____. **Exortação a Arapongas,** volume I. Fundação Projeto do resgate da memória histórica de Arapongas. Arapongas: Aleluia, 2000.

_____. **Pioneiros de Arapongas,** semeadores do Progresso, volume I**.** Arapongas: Ed. da autora, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** - história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.